

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
1ª Ciclo de Estudos em Criminologia



Grupo de pares, factores de vulnerabilidade e inserção em “gangues”

Nuno Ferreira nº25840

Porto, Outubro 2014

Universidade Fernando Pessoa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
1ª Ciclo de Estudos em Criminologia



Grupo de pares, factores de vulnerabilidade e inserção em “gangues”

Nuno Ferreira n°25840

Porto, Outubro 2014

Agradecimentos

Desde já, começo por agradecer ao meu Pai e à minha Mãe, sim, com M e P grande, pois sem eles nunca seria possível estar aqui. Foi com eles que cresci, e é graças a eles que sou a pessoa que sou hoje.

Á Professora Marta Matos, orientadora da UFP, por toda a disponibilidade demonstrada, pelos ensinamentos, e por todo o cuidado, ajuda e atenção demonstrados ao longo destes longos meses.

Á Doutora Catarina Agante, supervisora de estágio, pelo facto de ser uma excelente pessoa e profissional, por ter sido um prazer enorme ter estagiado sob a supervisão desta grande pessoa, e pelo facto de estar sempre disponível para ensinar e ajudar tudo e todos, um muito obrigado!

Ao Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, desde os alunos, professores, funcionários, auxiliares, pela forma como me receberam e como me trataram ao longo do meu estágio.

A todo o corpo docente que me acompanhou ao longo destes três anos na UFP, bem como a todos os funcionários e alunos, foi um prazer enorme fazer parte desta família que ficará para sempre no meu coração, e quero agradecer a todos os professores que me acompanharam por tudo o que me ensinaram e por toda a disponibilidade.

Quero deixar também um agradecimento a todos os meus colegas e antigos professores do Agrupamento de Escolas de António Nobre.

Aos meus amigos todos, principalmente à Sara e ao João por todo o apoio, à Joana por toda a ajuda e disponibilidade, ao Guilherme, meu colega de estágio, por todos os conselhos e a todos os outros pela boa e verdadeira amizade demonstrada ao longo não só do meu percurso académico como de toda a minha vida.

E por fim, quero agradecer ao resto da minha família, principalmente às minhas irmãs Raquel e Vânia, aos meus cunhados, aos meus avós, ao meu padrinho e aos meus sobrinhos por todo o apoio e suporte que me deram ao longo dos anos.

Estou-vos eternamente grato a todos!

Resumo

A Adolescência é uma idade controversa que se caracteriza essencialmente pela busca de uma identidade, cujo papel do grupo de pares é extremamente importante. No entanto, o papel deste grupo de pares, pode ter uma influência negativa, contribuindo para que o jovem adopte comportamentos desviantes e delinquentes.

A delinquência juvenil, é um dos grandes problemas a nível social, pois este incorpora uma variedade de comportamentos, que são influenciados por uma série de factores, os chamados factores de risco e os factores de protecção. O grupo de pares, o consumo de drogas, a impulsividade, e as famílias destruídas são os principais factores de risco que levam o jovem a delinquir, bem como, a entrar em gangues juvenis.

Este trabalho propõe assim, a criação de um Plano de Prevenção a nível escolar, que será realizado junto de alunos sinalizados com problemas de comportamentos de risco e de condutas de pares desviantes, bem como das famílias destes, de forma a fazer com que os jovens se consciencializem dos problemas e consequências que a entrada para um gangue tem para a vida futura, tendo também como objectivo evitar este tipo de situações de diminuir os factores de risco, aumentando os de protecção.

Palavras-Chave: Adolescência, Delinquência Juvenil, Pares, Factores de risco, Factores de protecção, Gangues

Abstract:

Adolescence is a controversial age characterized by the search of identity, in which the role of peer group is extremely important. However, this role of peer group can have a negative influence, helping the young to adopt deviant and delinquent behavior.

Juvenile Delinquency is one of the biggest social problems, as it incorporates a variety of behaviors that are influenced by numerous factors, so called risk factors or protection factors. The peer group, drugs consumption, impulsivity and non-structured families are the main factors that lead a young into delinquency, as well as youth gangs.

Thus, this work proposes the creation of a prevention plan on scholar level, which should be conducted among flagged students with risky behaviors and deviant peer behaviors, as well as the families of these in order to make young people become aware of the problems and consequences of the entry into a gang has for their future life, and also aiming to avoid such situations to reduce the risk factors, increasing the protective ones.

Key-words: Adolescence, Juvenile Delinquency, Peer , Risk Factors, Protection Factors, Gangs

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico.....	2
1.1 Adolescência	2
1.2 Comportamento Anti-Social	3
1.2.1 Conceito de Perturbação do comportamento.....	4
1.2.2 DSM-IV: Perturbação anti-social da personalidade.....	4
1.3 Delinquência Juvenil	5
1.3.1 Teorias Explicativas da Delinquência Juvenil	6
1.3.2 Teoria da Anomia.....	6
1.3.3 Teoria da Associação Diferencial.....	7
1.3.4 Teoria de Laço de Hirshi	7
1.3.5 Teoria da Rotulagem	8
1.3.6 A relação entre idade e crime	9
1.4 Os pares, a aprendizagem das normas e a delinquência.....	10
1.5 Definição Legal de Gangues em Portugal.....	12
1.6 Gangues Juvenis	12
1.6.1 Mentalidade de um Gangue.....	15
1.6.2 Motivações que levam o jovem a entrar em “gangues”	15
1.6.3 Factores de Vulnerabilidade e Risco de delinquência juvenil e de inserção em.....	18
gangues.....	18
1.6.4 Factores de Protecção que protegem o jovem destes gangues juvenis...	21
II. Estudo Empírico	23
1. Descrição de programa.....	24
a) Objectivos	24
b) Método	25
c) Amostra	26

d) Instrumentos.....	26
e) Procedimentos	27
f) Resultados Esperados	28
Conclusão	30
Referências Bibliográficas	31
Anexos.....	34
Anexo 1: Cronograma	34
Anexo 2: Actividade I	35
Anexo 3: Actividade II.....	36
Anexo 4: Actividade III.....	37
Anexo 5: Pedido de autorização à Direcção Geral de Educação	38
Anexo 6: Pedido de autorização ao Director(a) do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas.....	41
Anexo 7: Pedido de autorização aos Encarregados de Educação	42
Anexo 8: Pedido de autorização de Entrevista aos Técnicos	43
Anexo 9: Guião da primeira entrevista aos técnicos	44
Anexo 10: Inquérito realizado so jovens no início do plano.....	45
Anexo 11: Guião da segunda entrevista realizada aos técnicos	55
Anexo 12: Inquérito realizado aos jovens no fim do plano.....	56
Anexo 13: Ficha de Avaliação do Plano	64

Introdução

Este Projecto de Graduação surge no âmbito da obtenção do título de Licenciado em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa.

A escolha do tema em questão deve-se ao facto do meu estágio ter sido realizado num Agrupamento de Escolas, nomeadamente no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, sendo que ao longo do meu estágio estive em contacto com muitos casos de pares de jovens problemáticos e em risco, e pelo facto de achar que é um tema importante e que deve ser tratado.

Realizei uma pesquisa bibliográfica em bases de dados científicas internacionais (designadamente SAGE e Science Direct) com as palavras chave: *gang and prevention / juvenil delinquency*, bem como através da biblioteca da UFP e de outras bases de dados.

Os objectivos deste Projecto são a realização de um plano de prevenção que tem como objectivos gerais prevenir a adesão de jovens a gangues juvenis e demonstrar aos jovens que a sua relação com os pares pode ser utilizada para fins úteis e correctos, em vez de serem utilizados para o comportamento desviante.

O Projecto está dividido em três partes, sendo que a primeira é o enquadramento teórico, que será a parte mais teórica do projecto, onde serão abordadas várias temáticas para o aprofundamento do trabalho, tais como as definições de adolescência, comportamento anti-social, delinquência juvenil, factores de risco, entre eles os factores que levam os jovens a inserir-se em gangues juvenis, factores de protecção, entre outros. A escolha destas temáticas e definições deve-se ao facto de todas elas se relacionarem tanto com o jovem delinquente, como com os gangues juvenis e o grupo de pares, sendo que achei pertinente aborda-las de forma a enriquecer o projecto.

A segunda parte deste projecto é o Estudo Empírico onde é abordado a metodologia utilizada para a elaboração deste projecto, que consiste na criação de um Plano de Prevenção cujos objectivos já estão explicitos anteriormente.

Em relação à última parte, está expressa a conclusão do trabalho, onde é feita uma reflexão geral acerca do tema, bem como da metodologia utilizada, abordando alguns dos pontos fortes e dos pontos fracos do trabalho.

I. Enquadramento Teórico

1.1 Adolescência

Antes de abordar diversos conceitos relacionados com jovens, é importante definir uma das fases de transição mais importantes da vida de um ser humano, fase essa que ocorre durante a juventude, a “Adolescência”.

Segundo Evelyn Eisenstein (2005), a Adolescência é o período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizando-se pelos estímulos de desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e também pelos esforços do indivíduo em atingir os objectivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. Refere ainda que esta, se inicia com as mudanças corporais da puberdade e conclui-se quando o indivíduo fortalece o seu crescimento e a sua personalidade, obtendo progressivamente a sua independência económica, além integração no seu grupo social.

Gleitman (1993) citado de Vieira (1999), diz que o termo adolescência deriva de “adolescere” cujo significado em latim é “tornar-se adulto”, afirmando ainda que é um processo de transição em que o indivíduo muda do estado infantil para o estado adulto.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 1986) o início da adolescência é facilmente associado ao começo da puberdade e no aparecimento de características sexuais secundárias, no entanto o fim da adolescência não é tão claro de se definir, pois varia muito de cultura para cultura e por outras vertentes relacionadas com a conquista da independência por parte do adulto. Afirma ainda que a transição se caracteriza por:

- Desenvolvimento biológico do início da puberdade até atingir a total maturidade sexual e reprodutiva;
- Desenvolvimento psicológico dos padrões cognitivos e emocionais da infância para aqueles de idade adulta;
- Mudança de um estado de dependência socio-económica total, para um de relativa independência.

A OMS considera que o período da adolescência vai dos 10 aos 19 anos de idade, sendo que a Organização das Nações Unidas (ONU) considera este período entre os 15 e os 24 anos.

Para Marília Dias (2012) o indivíduo procura a sua própria autonomia na adolescência, ou seja, desmarca-se da sua dependência infantil que tem com os pais, e constrói a sua própria identidade. Cita ainda de Fonseca, Miranda & Monteiro (2003) que o jovem terá que reformular o seu passado de forma a construir o seu futuro, onde terá que ser capaz de encontrar as respostas às suas dúvidas, questionando-se acerca dos valores, os interesses, as atitudes e os comportamentos, sendo que com estas transformações, o adolescente vai ganhando o sentimento de pertença a um grupo.

1.2 Comportamento Anti-Social

Após a definição de adolescência, e antes de partir para a definição de delinquência juvenil, será abordada um pouco da questão do Comportamento Anti-Social, bem como do conceito de Perturbação do Comportamento e da Perturbação anti-social da personalidade do DSM-IV. É muito pertinente falar destas definições, porque, apesar do comportamento anti-social ser um conceito um pouco abrangente, o conceito de perturbação do comportamento e a perturbação anti-social da personalidade do DSM-IV englobam também diversos comportamentos anti-sociais.

Para Gomide (2001) o termo anti-social é usado para se referir a todo o tipo de comportamentos que infrinja regras sociais ou que seja uma acção contra os outros, como por exemplo comportamento agressivo, comportamentos infractores (tais como furto, roubo, etc), vandalismo, piromania, ausência escolar, fugas de casa, mentiras, entre outros, apresentados em altas frequências e intensidades ou magnitude.

Jorge Negreiros (2001) afirma que os comportamentos anti-sociais incluem uma diversidade de actividades como os furtos, o vandalismo, a agressão, que podem ser genericamente caracterizados por estarem associados a transgressões ou violações das normas sociais. Diz ainda, que os conceitos de crime, delinquência, ou perturbação de comportamento são das designações mais utilizadas para definir comportamentos antisociais, no entanto, admite que de uma forma geral o termo anti-social é o mais abrangente, referindo-se a um vasto número de actividades como actos agressivos, furto, , fugas, de um modo geral, uma violação de normas ou de expectativas socialmente estabelecidas.

1.2.1 Conceito de Perturbação do comportamento

Jorge Negreiros (2001) afirma que o conceito de perturbação do comportamento deriva de uma grelha de análise psicopatológica e o mesmo aplica-se quando se verifica um padrão contínuo de comportamento anti-social, que pode interferir de uma forma negativa em diversos domínios da vida do indivíduo, tratando-se assim de um conjunto de comportamentos anti-sociais e de oposição, que se caracterizam por conflitos constantes com os outros.

Para Negreiros (2001) esta perturbação manifesta-se no início da infância, apesar de cerca de metade dos casos surgirem durante a adolescência, sendo que as formas mais precoces são preditivas de outras perturbações psicológicas, tais como comportamentos de abuso de drogas, abandono do sistema escolar, suicídio e criminalidade na adolescência e idade adulta. Diz também que com o avançar da idade, esta perturbação torna-se resistente à mudança, mesmo com tentativas de tratamento, sendo que, é cada vez mais importante desenvolver abordagens de prevenção dirigidas às famílias e crianças que se encontram em risco. Para finalizar, afirma que a perturbação de comportamento representaria aquelas modalidades de expressão anti-social que se afastariam de forma acentuada dos actos anti-sociais que estão associados a um processo de desenvolvimento normal.

Born (2005) diz que na continuidade das perturbações do comportamento na criança e no adolescente, situa-se a perturbação anti-social da personalidade, descrita para adultos no DSM-IV, e o diagnóstico de psicopatia.

Actualmente existem dois instrumentos que são utilizados para distinguir os delinquentes “habituais” dos delinquentes “psicopatas”: DSM-IV (1999) e a escala PCL-R de Hare (1998) (Born, 2005).

1.2.2 DSM-IV: Perturbação anti-social da personalidade

Born (2005) diz que segundo o DSM-IV, a perturbação anti-social da personalidade caracteriza-se como um padrão global de desrespeito e violação dos direitos de outrem (APA, 2002). Para o diagnóstico do transtorno de personalidade anti-social o indivíduo necessita de ter no mínimo 18 anos de idade e preencher três dos seguintes itens:

- 1. Incapacidade para se conformar com as normais sociais no que diz respeito a comportamentos legais, como é demonstrado pelos actos repetidos que são motivo de detenção;
- 2. Falsidade, como é demonstrado por mentiras e nomes falsos, ou contrariar os outros para obter lucro e prazer;
- 3. Impulsividade ou incapacidade para planear antecipadamente;
- 4. Irritabilidade e agressividade, como é demonstrado pelos repetidos conflitos e lutas físicas;
- 5. Desrespeito temerário pela segurança de si próprio e dos outros;
- 6. Irresponsabilidade consistente, como é demonstrado pela incapacidade repetida para manter um emprego ou honrar obrigações financeiras;
- 7. Ausência de remorso, como é demonstrado pela incapacidade repetida para manter um emprego ou honrar obrigações financeiras.

Segundo Costa & Valerio (2008), além dos critérios anteriormente expostos, para que o diagnóstico seja apresentado, devem ser observadas evidências de Transtorno de Conduta (TC) antes dos 15 anos, sendo que o com comportamento anti-social não ocorre exclusivamente durante a evolução da esquizofrenia ou de um episódio maníaco.

1.3 Delinquência Juvenil

A Delinquência Juvenil é outro dos conceitos-chave presentes neste trabalho, pois os jovens que estão inseridos ou prestes a inserir-se em gangues, como irá ser expresso mais à frente, cometem um vasto de comportamentos desviantes e delinquentes.

Este conceito, a par do conceito de comportamento anti-social, é um conceito muito abrangente que incorpora um outro conceito muito vasto, a delinquência.

Segundo Jorge Negreiros (2001) o termo delinquência tanto pode ser definido em função de critérios jurídico-penais, sendo que delinquente é aquele indivíduo que praticou actos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais, como pode ser confundido com a definição de comportamento anti-social. Para Negreiros (2001), a delinquência de um modo geral, é baseada no contacto com os tribunais, onde os comportamentos que são considerados delinquentes incluem delitos que são crime, se forem cometidos por um adulto ou ilegais devido à idade do jovem.

Negreiros (2010) afirma que a delinquência juvenil pode ter definições diferentes, que vão em conta à área a que se dirige, nomeadamente na área legal, sociológica ou psiquiátrica/psicológica. Dentro da definição legal, este conceito é efectuado em função de critérios jurídico-penais, onde “delinquente é o indivíduo que praticou actos dos quais resultou uma condenação pelos tribunais” (Negreiros, 2001). Relativamente à área sociológica, a delinquência é vista como o comportamento que se afasta das normas, padrões de conduta ou expectativas sociais determinadas por uma cultura. E por mim, em relação à definição psicológica, esta é vista como “ *um tipo de comportamento antisocial que é clinicamente significativo*” (Kazdin, 1987 citado por Negreiros, 2001), no âmbito em que se posiciona para além dos limites do que clinicamente pode ser considerado como o funcionamento normal. (Negreiros, 2001).

1.3.1 Teorias Explicativas da Delinquência Juvenil

Ao longo do tempo em que se investiga a delinquência juvenil podemos traçar grandes orientações em que se desdobram diferentes teorias. De seguida, irão ser abordadas algumas das teorias Sociológicas mais importantes acerca da delinquência juvenil, teorias essas importantes e pertinentes para o tema em questão.

1.3.2 Teoria da Anomia

Anomia, é uma palavra de origem grega e significa ausência de regras. (Born, 2005).

Segundo Durkheim, a anomia significa, a degradação dos valores e a ausência de pontos de referência, sendo que, no plano das relações humanas, esta designa a desagregação do tecido das relações sociais, bem como a falta de adesão aos valores. (Born, 2005).

Para explicar a ausência de qualquer traço de solidariedade na sociedade moderna, Durkheim recorre a duas noções: densidade moral e anemia. Antes de mais, é importante referir que Durkheim se refere a densidade moral como sendo a presença de normas que liga os indivíduos ao todo social, e portanto à consciência colectiva . Para Durkheim quando existe um abaixamento da densidade moral na sociedade, este dá origem ao aparecimento de traços patológicos e de tendências suicidas, visto que, muitas pessoas não conseguem viver a sua vida em condições numa sociedade sem normas, tendo como única solução recorrer ao suicídio (Born, 2005).

Merton, retoma a noção de anomia, no entanto apresenta uma teoria num sentido um pouco diferente daquele que é apresentado por Durkheim. Para este, a anomia é o resultado da ausência de alinhamento entre as aspirações desejadas socialmente, como por exemplo a riqueza, e os meios disponíveis às pessoas para atingirem tais objectivos, sendo, que de uma forma geral, os indivíduos de classe desfavorecida utilizam meios ilegítimos para atingir o sucesso, pois os meios legítimos são menos acessíveis a estes estratos relativamente aos estratos sociais mais altos (Cusson, 2011).

1.3.3 Teoria da Associação Diferencial

A teoria da Associação Diferencial foi desenvolvida por Sutherland e pelo seu aluno Donald Cressey (Born, 2005). Sutherland reconhece que o comportamento criminal é proveniente de todas as classes sociais e desenvolveu a teoria da associação diferencial onde os jovens desenvolvem as atitudes e as técnicas necessárias para se tornarem delinquentes associando-se a indivíduos que contenham normas criminais (Sutherland, 1937 cit in Wood & Alleyne 2009).

Sutherland na sua teoria, defende que o comportamento criminal é aprendido através de trocas interpessoais que permitem ao indivíduo adquirir técnicas de execução de delitos, atitudes, racionalizações e motivações, ou seja, um indivíduo torna-se delinvente quando tiver sido exposto mais frequentemente a situações de delito do que a situações favoráveis à lei. Afirma ainda que os mecanismos de aprendizagem social são comuns a qualquer outro processo de aprendizagem (Cusson, 2011).

1.3.4 Teoria de Laço de Hirshi

Esta teoria propõe uma classificação dos laços que ligam o indivíduo ao seu ambiente social, impedindo-o assim de cometer actos não conformes, sendo que, quanto mais sólidos são os laços que o unem à sociedade, menos propensão terá para a delinquência (Born, 2005).

Hirshi destaca quatro como sendo os factores principais do laço social, entre eles: vinculação, empenhamento, o investimento e as crenças (Born, 2005).

A vinculação refere-se ao laço pessoal entre o indivíduo, as pessoas e as instituições, sendo, que de uma forma geral, o indivíduo cria laços com a família desde a sua infância, através do processo da socialização, levando a que este respeite as mesmas

normas respeitadas pelos seus progenitores, estando assim vinculado a estes. O respeito das normas, responde às expectativas e aos desejos dos restantes membros da sociedade (Born, 2005).

O laço criado com os pais e o respeito pelas regras impostas por estes, bem como o respeito e conformidade com as normas sociais, leva a que este se extenda a outros agentes sociais, tais como, a escola, o grupo de pares e ao resto da sociedade em geral. É importante ver a vinculação de duas formas: a qualitativa, sendo que quanto maior for a importância que o indivíduo dá à opinião que as pessoas tem dele, maior é a vinculação, e a quantitativa, que se relaciona com a quantidade de pessoas e instituições convencionais que o indivíduo está vinculado (Born, 2005; Siegel, 2012).

O empenhamento consiste na dedicação que o indivíduo tem em actividades convencionais, como por exemplo a escola, os tempos livres ou a profissão. O empenhamento corresponde assim a um balanço feito pelo indivíduo entre as vantagens e os inconvenientes das suas acções, sendo que este, tem a capacidade de prever as consequências negativas de um acto delinvente, onde esta capacidade age como um travão à tentação (Born, 2005; Cusson, 2011).

Relativamente ao investimento, este designa-se como o efeito da quantidade de tempo e de energia investida na perseguição de objectivos convencionais, ou seja, quanto maior for o interesse pelas actividades convencionais e o tempo investido nessas, menor será a tendência e o risco de passagem ao acto (Born, 2005; Siegel, 2012).

Por fim, temos a crença, que trata-se da adesão que o indivíduo tem aos valores e regras da sociedade, bem como à credibilidade que deposita nas mesmas. Quanto maior for a vinculação do indivíduo a estes valores e à sociedade, menor é a probabilidade deste transgredir as normas sociais (Born, 2005; Cusson, 2011).

1.3.5 Teoria da Rotulagem

Segundo Kelly (1978), o comportamento criminal é resultante do rótulo que as instâncias de controlo, tanto formal e informal, atribuem aos indivíduos. Os indivíduos rotulados, geralmente são os indivíduos pobres, com menor influência na sociedade e vitimizados pelas instâncias de controlo.

O indivíduo delinquente, tendo noção da condenação social face aos seus actos criminais, como é rotulado como sendo delinquente, sente-se socialmente marginalizado e excluído, sendo alvo de uma enorme pressão social, acaá por aceitar os rótulos que a sociedade lhe atribui (Hess, 2010).

Todo este processo, faz com que o indivíduo encarrete a ideia de que é realmente criminoso e insere-se no mundo criminal, levando a que por vezes, associe-se a pares desviantes e subculturas delinquentes, aumentando assim a gravidade do seu comportamento (Akers & Sellers, 2009).

1.3.6 A relação entre idade e crime

Para Negreiros (2008) quando se trata de analisar a relação entre idade e crime, temos que ter em atenção as taxas de prevalência e de incidência, cujos valores atingem o seu pico durante a adolescência. O pico da actividade criminal situa-se, destacadamente, nos 17 anos de idade, onde se verifica uma grande diminuição com o início da idade adulta (Negreiros, 2008).

De uma forma geral, a prevalência ou participação, é o número de indivíduos que num determinado período de tempo praticam um certo acto ou pelo menos um acto de uma determinada natureza, enquanto que a incidência ou frequência, é o número de actos praticados num determinado período de tempo, por um determinado grupo de indivíduos (ou amostra) (Negreiros, 2010).

Quer as taxas de incidência quer as de prevalência atingem os valores mais elevados durante a adolescência, diminuindo bruscamente com a entrada na vida adulta (após os 20 anos, o nº de delinquentes activos diminui cerca de 50% e por volta dos 28 anos, 85% cessa a actividade delinquente (Blumstein et al., 1988; Farrington, 1986 cit in Negreiros, 2010).

Negreiros (2001) afirma que existem duas orientações que se divergem relativamente a esta teoria, sendo elas: a teoria da propensão criminal e a abordagem das carreiras criminais. Os defensores da teoria da propensão criminal, consideram que a idade têm um efeito directo e constante no crime, independentemente das outras variáveis como o sexo, o tipo de delito ou a idade de início da actividade criminal. Relativamente aos defensores da teoria das carreiras criminais, defendem que a relação entre idade e crime

não é constante, mas sim mediatizada por características pessoais e condições sociais específicas.

Outra das divergências relativamente a estas duas abordagens, que separam os defensores de ambas as teorias é o facto de existir uma distinção relativamente aos conceitos de participação (ou prevarância) e de frequência da actividade criminal (conhecida por λ).

1.4 Os pares, a aprendizagem das normas e a delinquência

As abordagens desenvolvimentais e os dados empíricos confirmam o lugar essencial dos pares no desenvolvimento de carreiras delinquentes na adolescência, sem no entanto poder estabelecer uma relação causal clara nem atribuir um papel necessário à pertença de um grupo. (Born, 2005)

Estes “grupos” à qual os jovens se vão inserindo e ganhando um sentimento de pertença, tem um papel muito importante para o desenvolvimento psicológico e cognitivo, no entanto a sua influência pode nem sempre ser positiva.

A verdade, é que os adolescentes passam muito tempo com os seus pares, o que normalmente é positivo porque contribui para a construção da identidade do jovem e desenvolve competências a nível social e de empatia (Giordano, 2003). No entanto, passar muito tempo com os pares também contribui para a delinquência (Weerman et al, 2013). Weerman et al (2013) afirma que vários estudos demonstram que a associação com pares delinquentes está relacionada com a própria delinquência, e que alguns desses estudos sugerem que passar muito tempo com os pares, em si, parece estar relacionado ao comportamento delincente, independentemente da delinquência entre pares.

O facto de alguém ter iniciado a sua actividade delincente, pode colocar o indivíduo em contextos que propicie o contacto directo com pares delinquentes. Quando Farrington (2012) investigou esta relação, os resultados foram que efectivamente não havia relação, ou seja, não era pelo facto de terem companhia delincente que as pessoas praticavam actos delinquentes, sendo que, os dados não eram suficientes para apontar uma relação causal, onde em muitos casos a actividade criminal iniciada previamente ao contacto com os pares delinquentes.

Meldrum & Clark (2013) afirmam que com a adoção da internet e dos chamados “smart-fones” bem como através de telefones, e-mail e sites de redes sociais mudou a forma como os adolescentes agora socializam uns com os outros, bem como a utilização de tais tecnologias pode estar relacionado com o comportamento desviante.

Segundo Born (2005), o melhor modo de obter uma comparação da amplitude relativa da delinquência individual relativamente à delinquência grupal é recorrendo a dados de delinquência auto-revelada, cujas forças policiais consideram muito raramente apenas informação de co-autor e de cúmplice, ou no pior dos casos, associação criminosa, no entanto, as abordagens desenvolvimentais e os dados empíricos confirmam o lugar importante que os pares tem no desenvolvimento de carreiras delinquentes na adolescência, apesar disso não se pode estabelecer uma relação causal clara nem atribuir um papel necessário à pertença a um grupo.

Marília Dias (2012) afirma que o grupo de pares, além de promover as competências sociais, contribui também para o desenvolvimento psicológico do adolescente. Collins & Sprinthall (2003), citado por Marília Dias (2012), considera que o desenvolvimento psicológico do adolescente, decorre principalmente através da interação do sujeito com o grupo de pares, visto que ao interagir com os outros irá gradualmente definir-se enquanto pessoa.

Segundo um estudo de Gina Tomé (2011) a qualidade da amizade pode potenciar a influência positiva do grupo de pares, e nesse mesmo estudo, conclui que os adolescentes com mais amigos com qualidade, tanto dentro como fora da escola, têm menor envolvimento em comportamentos de risco (como por exemplo consumo de tabaco, álcool e substâncias ilícitas), bem como um menor envolvimento em comportamentos de *bullying*, e de uma forma geral, gostam mais da escola, são mais felizes e registam um nível de bem-estar mais elevado. Dentro do mesmo estudo, mas num diferente contexto, a autora conclui que relativamente ao género, a influência do grupo de pares ocorre da mesma forma, não havendo distinção, e por fim, afirma que quando o grupo de pares tem mais comportamentos de risco, a influência do mesmo tende a ser mais negativa, enquanto que se os amigos têm mais comportamentos de protecção a influência tende a ser mais positiva.

Num estudo realizado por Piquero et al (2005) acerca dos pares delinquentes e acerca do género, chega à conclusão que os rapazes, eram mais propensos a se envolverem em situações de furto e vandalismo, e ao mesmo tempo mais propensos a relacionarem-se com pares delinquentes. Outra das conclusões foi que para os rapazes, os pares delinquentes foram positivamente e significadamente associados a delinquência, enquanto que os pares delinquentes foram negativamente e insignificadamente associados à delinquência quanto ao género feminino.

1.5 Definição Legal de Gangues em Portugal

Quando falamos em gangues juvenis, é importante definir este conceito. Em Portugal, a definição que pode ser aplicada a este conceito, estando legalmente aprovada, é o conceito de Associação Criminosa.

Segundo o Código Penal Português (2011), uma associação criminosa, diz respeito, a um grupo, organização ou associação, constituído por três ou mais elementos, que actua durante um período de tempo de forma concertada. A pena a aplicar a quem funda estes grupos com o intuito de praticar actos criminais é igual à pena a aplicar a quem pertencer aos mesmos, ou ainda quem apoiar o financiamento, através de fornecimento de armamento e outros instrumentos para o crime, locais para realização de reuniões do grupo ou algum tipo de ajuda na recruta de novos elementos.

1.6 Gangues Juvenis

Antes de abordar a definição de gangues juvenis, é importante falar de outros conceitos tais como “co-delinquência”, “rede” e “ganguê”.

Segundo Cusson (2011) o termo co-offending foi criado por Reiss em 1988, e este traduz as relações de cumplicidade que unem as pequenas equipas de dois, três ou quatro indivíduos num mesmo delito. Através de vários estudos executados nos EUA por vários autores, é possível confirmar que as percentagens de crimes cometidos por cooperação entre delinquentes é elevado. Com a idade, estas taxas de co-delinquência diminuem (entre os 14 e os 32 anos de idade), tal como o número médio de cúmplices, pois com a idade, os indivíduos preferem agir sozinhos. Cusson (2011) afirma ainda, que os delinquentes que agem com um ou mais parceiros cometem mais delitos do que os que agem sozinhos e que esta cooperação faz aumentar o número de delitos

executados por cada indivíduo. Para finalizar a ideia da co-delinquência o autor afirma que quantos mais crimes um indivíduo comete, mais activo é no recrutamento de comparsas, sendo que, escolhe-os de acordo com a sua experiência, onde parceiros mais novos a nível de idade e com menos experiência são os mais procurados, trocando de parceiros com alguma regularidade.

Relativamente ao conceito de rede, Cusson (2011, p.157) afirma que *“num dado território, uma rede delinvente completa é formada pelo conjunto de relações directas e indirectas de co-delinquência”*, sendo que a rede pessoal de um delinvente é o conjunto das relações por ele estabelecidas. Dentro de uma rede existem relações directas e relações indirectas. As relações directas são aquelas que os jovens estabelecem com outros delinquentes (ou amigos), as relações indirectas é quando a rede inclui os chamados “amigos dos amigos”. Estes dois tipos de relações caracterizam estas “redes” devido ao entrelaçamento das relações interindividuais, através de: participação comum em delitos, transacções ilícitas, alianças pontuais e associações temporárias (Cusson, 2011). Cusson, afirma ainda que os delinquentes não são fieis, nem na amizade, nem na cumplicidade, resultando daqui uma fluidez relacional que dificulta a formação de grupos estruturados e duradouros, sendo que, se chama de rede a este tecido de relações directas e indirectas que une estes delinquentes, fazendo circular entre eles exemplos, informações, técnicas criminosas e justificações.

Partindo agora para a definição de gangue e de gangues juvenis, é difícil encontrar na bibliografia uma definição concreta destes conceitos, no entanto irão ser abordados os conceitos de alguns autores.

Ao contrário do que se pensa, segundo vários autores citados por Cusson (2011), a maior parte dos delinquentes não faz parte de grupos estruturados, no entanto, os gangs existentes, são relativamente violentos, provocam um sentimento de insegurança considerável e constituem embriões de verdadeiras organizações criminosas.

Para Cliff Akiyama et al (2012) um gangue de jovens, muitas vezes referidos como “gangues de rua criminosos” por parte das forças policiais, é uma organização, associação ou grupo que se associam de forma contínua e regular. Estes gangues, podem ser formais ou informais, e os seus membros geralmente tem um nome de identificação,

um sinal na mão ou mesmo um símbolo. Um dos seus principais objectivos é a actividade criminosa, o que os diferencia de outros grupos sociais.

Miller (1980, p 121) um gangue juvenil é uma associação auto-formada por pares, unidos por interesses mútuos, com uma liderança identificável, linhas bem desenvolvidas de autoridade e outros recursos organizacionais, que actuam em conjunto para alcançar um ou mais fins específicos, que geralmente incluem a realização de actividades ilegais e controlo sobre um determinado território, facilidade ou tipo de empresa.

Sharp, Aldridge e Medina (2006) definem gangs no seu estudo como um grupo de três ou mais pessoas, que passam muito tempo em espaços públicos, que existam há mais de três meses, que se tenham envolvido em actividades ilícitas nos últimos 12 meses, e possuam pelo menos uma característica estrutural, como por exemplo num “apelido”, uma tatuagem, um líder ou certas regras ou código.

Alguns autores consideram que um grupo de jovens pode ser considerado um gangue caso estes se identifiquem como um grupo separado, ou se as outras pessoas os identificarem como sendo um grupo e se o grupo se considerar anti-social, tendo como norma envolverem-se em actividades ilícitas (Hakkert et al, 2001).

A rede de investigação de gangues Europeia, contrariamente ao das redes norteamericanas, alcançaram um consenso na definição de gangue (Weerman et al, 2009 cit in Wood & Alleyne, 2010). Reconhecer que um consenso da definição de gangue é crucial para uma pesquisa comparativa, fez com que a rede de investigação Europeia, fizesse uma importante distinção em dois grupos. O primeiro grupo dedica-se a caracterizar o gangue como um grupo enquanto que o segundo grupo, refere-se a elementos que descrevem um grupo específico (Wood & Alleyne, 2010). Ainda dentro desta ideia do consenso da definição de gangue, Wood & Alleyne (2010) falam que esta tem quatro componentes que formam a definição, entre eles: durabilidade (no mínimo alguns meses), orientação das ruas (fora de casa, do trabalho e da escola), juventude (idade média entra a adolescência e o início dos vinte anos) e identidade através das actividades ilegais (delinquência e actividades criminais fazem parte da essência dos gangues).

1.6.1 Mentalidade de um Gangue

A “Mentalidade” de um Gangue é algo extremamente importante de ser estudado e aprofundado, para podermos entender os processos, os objectivos e a forma de pensar destes indivíduos.

Como refere o Programa “Gang Prevention” do Departamento de Justiça do Canadá (2009), é muito importante perceber o papel que a cobertura dos media têm relativamente à abordagem e à associação da ideia de entre “medo” e a palavra Gangue, levando não só a uma divulgação destes, como a um divulgimento dos membros destes gangues por parte da comunidade e das escolas, pois ser temido pelos outros, é visto por eles como uma “medalha de honra”. O tema principal na vida de qualquer membro destes grupos é ser respeitado dentro do grupo, pelos grupos rivais e pela sociedade em geral. Fazer tudo pelo gangue é a base de desenvolvimento da reputação dentro dele, pois isto faz com que os novos membros façam acções (por vezes, cada vez mais violentas) de forma a impressionar os membros mais antigos (Gang Prevention, 2009).

Outro dos tópicos da “Mentalidade” de um Gangue referido no programa “Gang Prevention” do Departamento de Justiça do Canadá (2009) é o facto de “desafiar” os rivais, através de manobras de desrespeito, tais como, comentários, o uso de grafitis, grafitar por cima de grafitis e símbolos de gangues rivais, aparecer nas “zonas” de outros gangues para causar problemas, “invadir” a zona de venda de drogas e armas do gangue rival ou então através de ameaça a membros de família dos gangues rivais. Refere ainda, que nenhum acto de desrespeito, por mais pequeno que seja, passa imune sem nenhuma resposta, pois há sempre retaliação por parte dos gangues rivais, através de actos de vingança e vandalismo, cuja violência é gratificante envolvendo armas de fogo, sendo muitas vezes inocentes afectados.

1.6.2 Motivações que levam o jovem a entrar em “gangues”

Segundo o Departamento de Justiça do Canadá (2009), existem inúmeros factores que levam o jovem a pertencer a um gangue, entre eles:

- **Procura de uma família substituta:** Os jovens juntam-se a estes gangues, de forma a receberem atenção, protecção e afirmação que não tiveram em casa

nem na escola, por motivos de falta ou de fraca relação afectiva entre pais e filhos e pelo desinteresse ou falta de vinculação para com a escola;

- **Rotura de unidades familiares tradicionais:** Muitos dos jovens não tem modelos positivos em casa, que lhes deem bons exemplos, pois muitas vezes estão expostos a situações de violência doméstica, problemas com álcool, drogas e até mesmo prostituição;
- **Identidade ou reconhecimento de problemas:** Por causa da sua baixa autoestima, entram em “gangues” para procurar o “estatuto” que não tem na escola devido ao facto de estarem desempregados ou por possuírem um insucesso escolar elevado. Se estes jovens não se virem como jovens inteligentes, atletas, líderes e até mesmo talentosos, tendem a entrar neste tipo de grupos, de forma a sentirem que podem sobressair-se;
- **Antecedentes criminais na família:** Muitos membros de gangues de rua carregam a tradição da família estabelecida pelos seus antecedentes (avós, tios, pais, primos) que são vistos como modelos para estes jovens;
- **Necessidade de dinheiro:** O fascínio do dinheiro proveniente dos gangues é algo difícil de combater, pois os membros dos gangues partilham todo o tipo de lucros das diferentes actividades ilícitas (tráfico de drogas e de armas, assaltos, roubos, jogo). O dinheiro acaba por se traduzir em status social, o que acaba por ser uma “pressão” adicional para os adolescentes;
- **Pobreza:** Problemas socio-económicos e de desemprego são uma realidade para muitos jovens, sendo que tornar-se membros de gangues é uma forma fácil de ter oportunidades de fazer dinheiro rápido, visto que estes gangues estão envolvidos em negócios ilegais;
- **Uso de intimidação ou violência:** Para recrutar novos membros para os gangues, por vezes utilizam tácticas de intimidação, levando os jovens a serem forçados a tornar-se membros de forma a protegerem-se e de proteger as suas famílias dos gangues locais e dos gangues rivais;
- **Necessidade de sobrevivência:** Os membros dos gangues podem ser vistos como uma forma de protecção para os jovens que vivem em famílias disfuncionais.

Para Cliff Akiyama (2012) os motivos para os jovens entrarem em gangues são:

- **Camaradagem e Irmandade:** Para a maioria dos membros, o gangue é a família substituta. O sentido de união, intimidade, coesão e camaradagem, muitas vezes ausente em casa, é um dos motivos que leva estes jovens a inserir-se dentro destes gangues;
- **Identidade e Reconhecimento:** Estes dois parâmetros fazem com que os membros dos gangues atinjam um status social impossível de alcançar fora da cultura dos gangues. A maior parte destes, vem-se como guerreiros ou soldados que protegem o seu bairro de membros de gangues rivais e tudo o que percebem como um mundo exterior hostil;
- **Protecção:** Muitos dos membros entram devido ao facto de viverem numa zona controlada por um certo gangue, e por causa disso estão sujeitos a violência por parte dos gangues rivais. Entrar num gangue dá-lhes garantias a nível de apoio e retaliação a esses rivais;
- **Intimidação:** Alguns membros são obrigados a juntar-se por pressão do seu grupo de pares. Os métodos de intimidação variam desde extorquir dinheiro de almoço a espancamentos. Se alguma guerra particularmente violenta estiver a ocorrer, as táticas de recrutamento utilizados por estes gangues são extremamente violentas, chegando ao ponto de assassinar alguém para intimidar os outros de forma a que estes lhes obedecam.

Estes factores acima descritos são os mais importantes, no entanto, Cliff Akiyama (2012) afirma que existem outros motivos adicionais que levam os jovens a entrar em gangues, tais como a necessidade de dinheiro, o desejo de distribuir narcóticos, o desejo de ganhar controlo sobre o meio envolvente, inimigos comuns, entre outros. No entanto o mais importante, é o facto de pertencerem a um grupo que os respeite.

Para D.Sharkey et al (2011) alguns dos motivos para os jovens entrar em gangues vão em conta com aqueles expressos anteriormente, sendo que a necessidade por segurança e protecção, a necessidade por amor e sentimento de pertença junto da família e também dos pares são os mais importantes. No entanto, o autor refere outros factores, tais como as necessidades de auto-realização (a passagem para a vida adulta), a estima precisa, ou seja, a falta de oportunidade do jovem através de caminhos convencionais atingir o sucesso e por fim, a estima necessária, mais propriamente o chamado

“glamour” e popularidade, pois a entrada em gangues e o envolvimento em actividades ilícitas faz com que seja mais fácil atingir um “status” social melhor e mais rapidamente do que através de caminhos convencionais.

O’Brien et al (2013) afirma que segundo vários autores, existem poucos estudos a falar acerca das motivações para ingressar em gangues bem como acerca dos factores que promovem a retenção ou desistência destes. Cita ainda, de Decker e Van Winkle (2006) que alguns dos motivos que levam o jovem a entrar em gangues são os chamados “empurrões”, sendo que se designam de “empurrões” as forças externas que obrigam o jovem a aderir, tais como a necessidade de protecção ou então o facto de seguirem a família e os amigos (também pertencentes a esses gangues). Outros dos factores descritos por estes dois autores é a atracção feita por estes gangues, pois o desejo por dinheiro, status ou mesmo excitação leva a que estes adiram. Por fim, outra das motivações importantes para levar o jovem a inserir-se em gangues, são as chamadas necessidades universais dos jovens, pois estes gangues dão aos jovens, a expectativa de que os membros aderentes, têm um status, uma identidade e um companheirismo muito maior que os restantes jovens da sociedade.

1.6.3 Factores de Vulnerabilidade e Risco de delinquência juvenil e de inserção em gangues

É importante investigar como estes factores de risco levam o jovem a envolver-se em actividades delinquentes, daí ser extremamente importante definir o que é realmente um factor de risco e de seguida definir alguns dos factores que levam o jovem a estar em risco.

Hawkins, Catalano e Miller (1992) dividiram os factores de risco em dois grupos: factores de risco contextuais e factores de risco individuais e interpessoais. Os primeiros, relacionam-se com as leis e com as normas, com a disponibilidade para as drogas, ligação a pares que consomem drogas, a comunidades residenciais desorganizadas e a dificuldades económicas. Os factores de risco individuais e interpessoais tem a ver com os factores fisiológicos, como influências bioquímicas e genéticas, as famílias aditas, entre outros.

Na escola, problemas como o fraco rendimento escolar, as dificuldades de aprendizagem, a inadaptação escolar, a falta de organização, a ausência de actividades extra-curriculares, as faltas ou o absentismo são alguns dos factores de risco que fazem com que o jovem fique vulnerável a comportamentos desviantes e delinquentes (Loeber & Farrington 2001).

A família é um dos meios de socialização mais importantes, no entanto, se estas forem desfuncionais, podem ter uma influência negativa e podem ser um meio de risco para que o jovem se torne desviante.

Born (2005) afirma que a família é o meio de base em que se desenvolve a personalidade das crianças, influenciadas pela interacção directa com os seus pais, afirmando ainda, que é essencialmente um lugar de comunicação e de trocas afectivas entre pessoas. No entanto, se estas forem famílias desfuncionais, ocupam um lugar de eleição na carreira delinvente de um jovem. Assim sendo, Born, fala de alguns dos processos familiares que geram a delinquência, entre eles: estabilidade de residência, qualidade do habitat, situação económica, composição da família, características comportamentais, qualidade de vida familiar, relações familiares e por fim a disciplina.

Começando pela estabilidade da residência, muitas das famílias de delinquentes mudam de casa muitas vezes, isto deve-se ao facto de muitas delas terem dificuldades a nível económico, sendo que muitas delas dependem de um organismo ou de assistência financeira, o que leva a que a qualidade do habitat seja diferente da dos não delinquentes. A qualidade do habit de um jovem delinvente, muitas vezes têm menos instalações sanitárias, apresentam uma maior densidade de povoamento (famílias muito grandes) e são menos limpas (Born, 2005).

Relativamente à composição da família, muitas destas famílias são destruturadas (pai ausente, mãe ausente, divórcios, irmãos com comportamentos desviantes, problemas a nível de drogas e alcoolismo) e por vezes numerosas, sendo que estas são as principais diferenças relativamente a uma família de um jovem não delinvente. Falando agora dos restantes processos, é importante referir que muitas destes jovens delinquentes tem antecedentes na família (de alcoolismo, consumo e tráfico de droga, problemas com a justiça, perturbações afectivas) levando muitas vezes a que a relação entre o jovem e a família seja má, visto que os jovens por vezes não tem uma relação íntima com os pais, sendo que acabam por ser rejeitados, ou então são tratados com “indiferença” por parte

dos pais. Estes factores levam a que a qualidade de vida de um jovem delinvente seja muito inferior à qualidade de vida de uma família de um jovem não delinvente, juntamente com os factores financeiros, da ausência de regras (a nível de regularidade, estilo de vida desordenado a nível de refeições, horas de ir para a cama) e da disciplina por falta de supervisão parental, ou por um estilo de disciplina rude, onde o castigo físico é muito mais frequente do que uma chamada à razão (Born, 2005).

Para Borum (2006) existem dois tipos de factores de risco: os precoces e os tardios. Dentro dos precoces, que se manifestam entre os 6 e os 11 anos, temos os de origem individual, como complicações no parto, hiperactividade, procura de sensações e impulsividade e os de origem familiar, como por exemplo o comportamento anti-social dos pais, abuso de substâncias e práticas de educação de baixa qualidade (Silva, 2010). Relativamente aos tardios, surgem por volta dos 12 aos 14 anos, fase em que o jovem entra na adolescência, encontram-se factores como a associação a pares delinquentes e antisociais e a fraca ligação à sociedade.

Em relação ao grupo de pares, existem duas formas distintas de actuação dos pares junto dos jovens, que os fazem adoptar comportamentos desviantes e delinquentes, entre eles a associação com pares desviantes e a rejeição por parte dos pares (Dias, 2012). A associação com pares, diz respeito aos pares que influenciam os jovens com históricos de delinquência, ou seja, atraem-nos para um mundo delinvente, sendo que essa convivência faz aumentar a gravidade ou a frequência dos seus comportamentos delinquentes (Silva, 2010). Silva, afirma ainda que em relação à rejeição por parte dos pares, pode levar a um aumento do risco de condutas anti-sociais crónicas, principalmente nas crianças mais agressivas, aumentando a probabilidade de se tornarem membros de grupos de pares desviantes, que os acolhem graças a essa rejeição.

O grupo de pares é visto como o principal agente de socialização na adolescência, existindo ligações muito fortes entre a delinquência na adolescência e a associação com pares de adolescentes (Born, 2005; Haynie, 2002).

Haynie (2002) afirma ainda que para os delinquentes, o grupo de pares em que estão integrados é muito importante, uma vez que facilita ou dificulta o envolvimento criminal, levando-os por vezes a envolverem-se propositadamente em alguns

comportamentos de risco, de modo a obterem a aceitação nesse grupo, ou conseguirem um certo estatuto social.

Para Kazdin & Buela-Casal, (2001), o temperamento, a baixa auto-estima e a agressividade são alguns dos factores de risco que por vezes levam o jovem a ter comportamentos desviantes.

Outro dos factores de risco mais importantes para vários autores é o consumo de drogas (Born, 2005; Chitas, 2010).

É na adolescência que os jovens procuram um grupo de pares com que se identifiquem, partilhando os mesmos hábitos, costumes e valores, sendo que estes, têm um papel muito importante no processo de socialização e de construção de identidade, bem como, na aprendizagem de atitudes e comportamentos (Chitas, 2010). Devido a estas razões, muitos autores consideram o consumo de substâncias na adolescência um fenómeno em grupo, fenómeno esse que deve ser encarado como uma parte integrante do individuo e da sua interacção social (Palmqvist & Santavirta, 2006 cit in Silva, 2010). Silva (2010) cita ainda de Oetting & Beauvais (1987) que esta ligação do jovem ao seu grupo de pares, faz com que estes consigam modelar o comportamento de consumo de substâncias, no sentido de incentivar e persistir com esses comportamentos.

1.6.4 Factores de Protecção que protegem o jovem destes gangues juvenis

Os factores de protecção são importantes para investigar como estes podem proteger os jovens em risco de se envolver em actividades delinquentes. Antes de mais, é importante definir o que é realmente um factor de protecção e de seguida definir alguns dos factores que protegem o jovem do risco.

Um factor protector é aquele que atenua os efeitos de uma situação de risco, de forma a que os indivíduos consigam adaptar-se com mais sucesso a uma situação de risco, ou no caso dos factores protectores não estarem presentes (Chitas, 2010).

Para Teixeira (2004) os factores de protecção, são aqueles que de uma maneira positiva, conseguem mudar os efeitos dos factores de risco.

A literatura da delinquência juvenil sugere que os problemas de comportamento ocorrem quando os jovens estão em situações em que os factores de risco se impõe aos

factores de protecção nos principais domínios de desenvolvimento (Howell & Egley, 2005).

O'Brien et al (2013) citam de vários autores que sugerem quatro como os possíveis factores que podem funcionar como protectores para a inserção em gangues, entre eles: o forte envolvimento dos pais e coesão familiar; o compromisso com a escola, ou seja, o apego aos professores e as expectativas dos pais para a escola; as habilidades sociais, as interações com os pares pró-sociais e crenças em ordem moral e por fim, aumentar e melhorar o monitoramento dos pais perante os seus filhos bem como as estratégias de como lidar com estes.

Segundo vários autores abordados por Chitas (2010), os factores de protecção são divididos em três categorias, os factores individuais, os factores familiares e os factores relacionados com o suporte social. Em relação aos primeiros, encontram-se factores como o temperamento do indivíduo e as características da sua personalidade, como por exemplo o seu nível de actividade, a capacidade de reflexão, as competências cognitivas e as respostas positivas dadas às necessidades dos outros. Quanto aos factores de protecção familiares, estes relacionam-se com a coesão familiar, a afectividade e a presença de uma figura adulta que assuma o papel parental (mesmo com a ausência dos pais). Para finalizar, relativamente aos factores relacionados com o suporte social, estes dizem respeito ao suporte dado por figuras que substituam o papel da mãe, como por exemplo uma instituição ou um professor.

Como já se referiu anteriormente, a família por vezes pode ser um dos factores de risco para que o jovem entre numa vida delinvente, no entanto, de uma forma geral, a família e a escola têm um papel essencial como agentes de socialização, sendo que são um importante factor de protecção. Se o jovem for proveniente de uma família socialmente funcional, onde a relação e a proximidade entre pais e filhos é positiva e onde a supervisão parental é adequada, bem como se na escola, a associação a grupo de pares for funcional e a sua relação com os professores, funcionários e o resto da comunidade escolar também for, estes factores fazem com que o jovem não opte por entrar num caminho desviante (Egeland et al., 1993).

Para O'Brien et al (2013) são necessárias mais pesquisas antes de chegar a consenso sobre os factores de protecção associados à participação em gangues juvenis.

II. Estudo Empírico

Antes de mais, é importante esclarecer que a metodologia utilizada para a realização deste projecto será um plano de prevenção. Este plano de prevenção destina-se a jovens, que atravessem a idade da adolescência, que segundo a literatura anteriormente referenciada, de uma forma geral, é uma idade em que o jovem procura a sua autonomia face aos seus pais, sendo que, se destaca também pelo facto de ser uma fase propícia à experimentação e à imposição da criação de uma identidade, onde o grupo de pares tem um papel essencial.

Sendo assim, a população escolhida serão os alunos de um agrupamento de escolas, mais concretamente, os alunos com problemas de comportamentos de risco e de condutas de pares desviantes.

Com a realização deste projecto procura-se que a população alvo consciencialize os problemas e consequências que a entrada para um gangue acarreta para a vida futura.

Parte-se assim, do pressuposto que é um assunto importante de ser tratado, e que um plano de prevenção é o ideal para evitar este tipo de situações, alertando assim os jovens dos riscos e dos problemas que surgirão na sua vida face à entrada nestes grupos criminais.

Na literatura existem vários tipos de estratégias de prevenção de gangues, neste projecto irá ser utilizado um programa baseado na escola.

Além do mais, é também importante referenciar que este projecto se destina também às famílias dos alunos envolvidos, sendo que a sua participação é essencial para o sucesso do programa.

Neste programa, o tipo de intervenção e o desenho será uma replicação de um programa deste tipo designadamente “G.R.E.A.T” (Esbensen & Osgood, 2001), uma vez que ele conseguiu atingir os resultados esperados, entre eles: uma redução modesta da aderência a gangues e da delinquência e alguns efeitos na resistência e nas atitudes perante gangues.

Por fim, é importante falar da duração do programa, que será de cerca de 6 meses, sendo que, caso seja necessário expandir o número de sessões, partiremos assim para a

expansão do mesmo (ver Anexo 1), bem como dos orientadores do mesmo, que serão um técnico da CPCJ e um agente policial, que irão monitorizar o programa.

1. Descrição de programa

Relativamente ao programa G.R.E.A.T o seu plano é administrado por forças policiais num curso que dura nove semanas aplicado a adolescentes, sendo que, este programa irá seguir um plano adaptado deste que será apresentado de seguida.

O plano inclui as seguintes actividades:

- **Introdução:** Os técnicos e directores de turma dos alunos, numa primeira sessão irão apresentar o programa designadamente, os seus principais objectivos, a duração do mesmo (Ver Anexo 1) e as actividades desenvolvidas neste, bem como o técnico policial e o técnico da CPCJ que irão monitorizar o programa;
- **Actividade I:** Dinâmica Familiar e Dinâmica de competências parentais (ver Anexo 2);
- **Actividade II:** Dinâmica grupal e desenvolvimento de competências de trabalho de equipa através de desporto e de outras actividades didáticas (ver Anexo 3); □
- **Actividade III:** Criação de atelier acerca de temáticas juvenis (ver Anexo 4).

a) Objectivos

Este projecto de prevenção é composto por dois tipos de objectivos, os objectivos gerais e os objectivos específicos.

Os objectivos gerais deste projecto, tal como o nome indica, são:

- Prevenir a adesão de jovens a gangues juvenis e o comportamento delinvente;
- Demonstrar que a relação com o grupo de pares pode ser utilizada para fazer coisas boas e não para o comportamento desviante.

Relativamente aos objectivos específicos:

- Consciencializar e mobilizar a comunidade jovem para não aderir a gangues juvenis;

- Consciencializar e mobilizar a comunidade jovem para o uso correcto do relacionamento de pares;
- Reforçar as ligações normativas e afectivas de forma a que o jovem se desenvolva normativamente;
- Analisar a temática referente a gangues juvenis, bem como as consequências relativamente ao envolvimento, para dar conhecimento à comunidade das envolventes destes grupos.

Ou seja, os objectivos específicos deste projeto são mudar alguns factores de risco apontados pela literatura supracitada anteriormente: associações de grupos de pares e atitudes sobre gangues, a aplicação da lei, e comportamentos de busca de sensações fortes.

Em relação ao tipo de prevenção presente no projecto, a mesma é uma prevenção secundária e terciária. Podemos dizer que é uma prevenção secundária visto que esta é dedicada a um grupo que se encontra em situação de vulnerabilidade criminal, e que por isso, estão mais propensos a delinquir (Cruz, 2013). Relativamente à prevenção terciária esta está presente no facto do plano ter o intuito de fazer com que os jovens não se voltem a delinquir e comecem a optar por caminhos convencionais (Cruz, 2013).

b) Método

O Método utilizado irá ser um Plano de Prevenção num agrupamento de escolas com alunos sinalizados pela CPCJ ou pelo Tribunal, que apresentem condutas relacionadas com comportamentos delinquentes, de risco e de condutas com pares desviantes, problemas a nível de contexto escolar e sala de aula, entre outros.

Um programa de prevenção normalmente tentam impedir os jovens de entrar em gangues, no entanto, também podem procurar interromper a formação de um gangue que está no seu começo (Howell, 2000). O autor diz ainda que têm sido utilizadas uma variedade de estratégias para evitar o envolvimento em gangues, incluindo a organização da comunidade, de forma a melhorar as condições para os jovens, bem como programas de primeira infância, programas a nível escolar e programas depois da escola.

Antes da aplicação do programa irá ser realizado um pré-teste no qual os participantes do grupo de controlo e grupo experimental irão preencher um conjunto de questionários.

Após o programa, irão de novo preencher os questionários de forma a se comparar com os resultados em dois momentos temporais logo após o programa e passado meio ano (de forma a saber se os resultados se mantêm ao longo do tempo).

Relativamente ao Método aplicado, este vai ser uma mistura de dois métodos, entre eles o método qualitativo, utilizado essencialmente nas entrevistas, e o método quantitativo, utilizado nos inquéritos.

c) Amostra

A Amostra utilizada para a aplicação deste projecto de prevenção serão 20 alunos sinalizados, tanto pelo tribunal como pela CPCJ, de um Agrupamento de Escolas que contenha alunos com as características relatadas anteriormente, que apresentem essencialmente comportamentos de risco e de conduta de pares desviante, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Dentro desta amostra, esta vai ser dividida em dois grupos: o grupo experimental e o grupo de comparação, sendo que o grupo experimental é constituído por metade dos jovens da amostra (10 alunos) que irão ser alvo do programa, e o grupo de comparação, será constituído por jovens que não irão ser alvo do programa, de forma a avaliar se os resultados são oportunos.

O facto da idade escolhida variar entre os 12 e os 18 anos deve-se ao facto de ser a idade onde os comportamentos delinquentes nos adolescentes são mais visíveis e acentuados.

d) Instrumentos

De modo a avaliar os resultados do programa, será implementado um inquérito (ver Anexos 10 e 12) como medida pré e pós teste e follow up. Este questionário está dividido em várias secções que irão avaliar as seguintes dimensões: características socio-demográficas, relação familiar, grupo de pares, adesão e percepção de gangues, atitudes e percepção de forças policiais, comportamento delincente e consumo de substâncias ilícitas auto-revelado, percepção face ao comportamento delincente e comportamento impulsivo. O questionário será aplicado individualmente e será anónimo, uma vez que em grupo eles poderão trocar informações que por sua vez pode

levar a uma influência das respostas. É de salientar que este questionário é baseado num dos questionários do programa G.R.E.A.T.

O questionário será complementado com metodologia qualitativa, de modo a obter uma informação mais rica e profunda sobre estas dimensões anteriormente abordadas. Para isso, irá ser realizada uma entrevista semi-estruturada individual (ver Anexos 9 e 11) aos técnicos que acompanham o jovem (de acção social, da CPCJ, do tribunal, ao psicólogo do agrupamento) e ao director de turma, com o intuito de saber a percepção deles acerca da evolução dos comportamentos dos jovens envolventes na amostra em dois momentos temporais, pré e pós programa e follow up. Cada entrevista será realizada numa secção de aproximadamente uma hora e meia, e se for necessário, serão realizadas mais sessões.

Para finalizar, para avaliar a participação dos jovens pertencentes ao grupo experimental no programa, ao longo deste o monitor irá preencher uma ficha para cada participante no qual irá responder se o participante completou o programa e o número de secções que participou, realizando um relatório individual acerca do desenvolvimento individual de cada participante. A avaliação será realizada de 0 a 20 valores, sendo que a partir do 10 a avaliação é positiva, demonstrando sinais de melhoramento (Ver anexo 13).

e) Procedimentos

Visto que um dos instrumentos utilizados é o inquérito a jovens de uma escola, é importante enviar também um pedido de autorização à Comissão de Protecção de Dados, neste caso através do preenchimento de um formulário próprio que está disponível no site da Comissão de Protecção de Dados, sendo obrigatório a notificação à Comissão nos termos do Artigo 27º da Lei nº67/98 de 26 de Outubro, onde após a autorização deste organismo partiremos para o pedido de autorização à Direcção Geral de Educação.

Irá ser então enviado uma carta à Direcção Geral da Educação, que corresponde a um pedido de autorização da realização do programa, no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas no Porto. Nesta carta, está descrito o estudo, nomeadamente os objectivos, a amostra envolvida, a metodologia, o procedimento e os resultados esperados (ver Anexo 5)

Após a carta enviada à Direcção Geral da Educação, será enviada uma carta ao Director do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas, de forma a pedir-lhe permissão para a realização do plano no agrupamento (ver Anexo 6)

Antes de realizar o estudo, será enviado por correio uma carta aos encarregados de educação de modo a estes preencherem o consentimento informado, e consentirem a participação do seu educando neste estudo. Nesta carta, está descrito o estudo, nomeadamente os objectivos, o currículo e a metodologia utilizada para a sua avaliação, destacando-se o anonimato da participação bem como a sua importância no envolvimento do mesmo (ver Anexo 7).

f) Resultados Esperados

Com este plano pretende-se através dos questionários, perceber alguns dos factores de risco presentes no jovem, tentando compreender também a sua percepção acerca de alguns assuntos, bem como analisar alguns dos comportamentos cometidos tanto por ele como pelo seu grupo de pares, sendo que, o segundo inquérito terá como finalidade avaliar se houve uma evolução nesse tipo de comportamentos. É importante referir que uma das limitações do questionário é o facto dos jovens poderem mentir, no entanto, face a essa limitação, temos expresso a vantagem de ter acesso ao processo dos mesmos, bem como as entrevistas realizadas aos técnicos que os acompanham, visto que estes, estão cientes da realidade em questão.

Como tal, espera-se assim que os jovens adiram positivamente às actividades, em especial à actividade II que é uma actividade essencialmente desportiva que normalmente cativa os jovens desta idade.

Relativamente à actividade I, provavelmente será uma actividade muito boa, dado que um dos problemas grandes que estes jovens têm é os problemas a nível familiar, sendo que, esta dinâmica a nível familiar e parental, poderá ser muito útil para que os pais aprendam a lidar com os filhos, bem como a dar-lhes mais carinho e a utilizar outro tipo de estratégias de controlo.

É importante também referir, o papel essencial que todos os técnicos terão ao longo do desenvolvimento do plano, que será essencial para o sucesso deste, pois a experiência

que estes têm em lidar com jovens problemáticos é muito importante e uma mais valia para o sucesso do plano de prevenção.

Conclusão

Sendo a delinquência juvenil um assunto tão vasto e tão importante de ser tratado e discutido a nível social, em especial a conduta de pares desviantes e os “gangues” juvenis, este plano de prevenção é muito pertinente e é algo necessário para combater este fenómeno que está a crescer aos poucos a nível nacional.

É importante assim reflectir acerca dos pontos fortes e dos pontos fracos deste projecto.

Em relação aos pontos fortes é a pertinência do assunto, pois este é um tema importante de ser tratado e é um problema que está presente nas escolas portuguesas, outro dos pontos fortes é a bibliografia estar bem explícita e a metodologia ter sido baseada em programas já implementados.

Falando agora das limitações do estudo, ou dos pontos fracos, um dos maiores é a mortalidade da amostra, devido ao facto de serem poucos alunos e também face ao facto dos alunos poderem desistir. Outro dos pontos fracos é a pouca bibliografia acerca de gangues juvenis no contexto português.

Para concluir, é importante afirmar que a realização de mais projectos deste tipo é muito importante, de forma a consciencializar a população jovem portuguesa acerca dos perigos que a entrada num gangue traz para a vida futura, de modo a prevenir este tipo de situações e a haver uma intervenção correcta.

Referências Bibliográficas

- Código Penal*. (2011). Coimbra: Edições Almedina.
- Akers, & Sellers. (2009). *Criminological Theories. Introduction, Evaluation, and Application*. New York, Oxford University Press.
- Akiyama, C. (2012). Understanding Youth Street Gangs. *38*, pp. 568-571.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. In C. Editores (Ed.). Lisboa.
- Chitas, V. (2010). *Consumo de drogas e outros comportamentos de risco na adolescência: factores de risco e factores de protecção*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Porto, Portugal: ICBAS-UP.
- Costa, J., & Valerino, N. (2008). Transtorno de Personalidade Anti-Social e Transtornos. (T. e. Psicologia, Ed.) *16*, pp. 119-132.
- Cruz, R. d. (2013). A prevenção do delito no estado democrático de direito. *REVISTA ORDEM PÚBLICA*, *6*.
- Cusson, M. (2011). *Criminologia*. In C. d. Letras (Ed.).
- D.Sharkey, Jill., et al. (2011). The protective influence of gangs: Can schools compensate? *Aggression and Violent Behavior*, *16*, pp. 45-54.
- Dias, M. (2012). *Factores de risco, adolescência e grupo de pares*. Obtido de http://sigarra.up.pt/fpceup/en/publs_pesquisa.show_publ_file?pct_gdoc_id=49474
- Egeland, B. C. (1993). *Resilience as process*. Development.
- Elsenstein, E. (Junho de 2005). *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. Obtido de http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167
- Esbensen, F. A. (2001). *Final Report: The National Evaluation of the Gang Resistance Education and Training (G.R.E.A.T) Program* .
- Farrington, D., et al. (2012). Risk and Protective factors for offending. In B. Welsh, & D. Farrington, *The Handbook of crime Prevention*. Oxford Univ.
- Giordano, P. C. (2003). Relationships in adolescence. *Annual Review of Sociology*, *29*, pp. 257-281.
- Gomide, P. (2001). Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social.

- Hakkert, A., van Wijk, A., Ferweda, H., & Eijken, T. (2001). Group criminality. (J. Kerner, M. W. Klein, C. L. Maxson, & E. M. Weitekamp, Edits.) *The Eurogang paradox: Street gangs and youth groups in the U.S. and Europe*, pp. 221-229.
- Halifax, N. (2009). *Gang Prevention: A resource guide on youth & gangs*. Obtido de <http://novascotia.ca/just/publications/documents/GangPrevention.pdf>
- Hess, K. (2010). *Juvenile Justice*. USA: Cengage Learning.
- Howell, J. C., & Egley, A. (2005). Moving risk factors into developmental theories of gang membership. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 3, pp. 334-354.
- Kazdin, A., & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta anti-social. Avaliação, Tratamento e Prevenção na Infância e na Adolescência*. Amadora: McGraw-Hill.
- Kelly, D. (1978). *Delinquent Behaviour. Interactional and Motivational Aspects*. Belmont, Dickenson.
- Lei nº67/98 de 26 de Outubro*. (s.d.).
- Loeber, R., & Farrington, D. P. (2001). *Child Delinquents: Development, Intervention and Service Needs*.
- Meldrum, R., & Clark, J. (2013). Adolescent Virtual Time Spent Socializing With Peers, Substance Use, and Delinquency.
- Negreiros, J. (2001). Delinquências Juvenis: Trajectórias, intervenções e prevenção. In E. Notícias (Ed.). Lisboa.
- Negreiros, J. (2011). Delinquências Juvenis: Trajectórias, intervenção e prevenção. In L. E. Livpsic (Ed.).
- O'Brien, K., Daffern, M., Chu, C. M., & Thomas, S. (2013). Youth gang affiliation, violence, and criminal activities: A review of. *Aggression and Violent Behavior*, 18, pp. 417-425.
- Organization, W. H. (1986). *Young people's health - A challenge for society*. Obtido de http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO_TRS_731.pdf
- Piquero, Nicole; et al. (2005). The Influence of Delinquent Peers on Delinquency: Does Gender Matter? 36(3), pp. 251-275.
- Sharp, C., Aldridge, J., & Medina, J. (2006). *Delinquent youth groups and offending behaviour: findings from 2004 Offending, Crime and Justice Survey*. Obtido de <http://dera.ioe.ac.uk/8472/1/rdsolr1406.pdf>
- Siegel, L. (2012). *Criminology*. USA, Cengage Learning.

- Sprinthall, N., & Collins, W. (2012). *Psicologia do Adolescente – Uma Abordagem Desenvolvimentista* (3 ed.). (C. Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, J. (2004). Factores de risco e factores de protecção de comportamentos delinquentes em adolescentes do Grande Porto.
- Tomé, G. (2011). *Grupo de Pares, Comportamentos de risco e a Saúde dos adolescentes Portugueses*. Obtido de <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/3796>
- Vieira, S. (1999). *O consumo de tabaco, álcool e drogas e os comportamentos antisociais na adolescência*. Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/992/1/Monografia.pdf>
- Wood, J., & Emma, A. (2010). Aggression and Violent Behavior: Street gang theory and research: Where are we now and where do we go from here? pp. 100-111.

Anexos

Anexo 1: Cronograma

Cronograma

Actividade	Nº de Sessões	Nº de Horas
Actividade I	22	44
Actividade II	11	22
Actividade III	22	44

As actividades começariam em Janeiro de 2015 e acabariam em meados de Junho de 2015, podendo sofrer alterações consoante a carga horária dos alunos envolvidos.

Anexo 2: Actividade I

Actividade I: Dinâmica Familiar e Dinâmica de competências parentais

Esta actividade tem como principal objectivo a envolvência das famílias neste projecto, visto que o papel que estas representam no crescimento normativo do jovem é extremamente importante e por vezes a difícil relação ou falta controlo por parte dos pais, são um dos principais motivos do comportamento desviante do jovem.

Relativamente à parte da dinâmica familiar, esta iria ser executada dentro da escola, num horário pós-escolar em conformidade com o horário dos pais. Essencialmente consiste em ver a forma como cada um se sente em relação ao outro (relacionamento jovem transgressor-família) de maneira a tentar melhorar o ambiente familiar, visto que o desentendimento entre pais e filhos, a falta de atenção ou negligência por parte dos pais, entre outros motivos, leva muitas vezes a que os jovens entrem em gangues juvenis, pois lá recebem a atenção, protecção e afirmação que muitas vezes não adquirem em casa.

Dentro ainda da dinâmica familiar, partiríamos também para uma dinâmica a nível de competências parentais que teria como finalidade ensinar os pais a lidar e saber responder às necessidades dos filhos transgressores, como referimos anteriormente, ensinar os pais a procederem adequadamente com os seus filhos, optarem por estratégias de controlo positivo em vez das punições, ensinar estratégias de controlo dos comportamentos baseados numa disciplina firme mas não severa, através do corte de privilégios, perguntar frequentemente aos filhos como eles se sentem, criando um laço mais além de pai-filho mas também um laço de amizade, demonstrando ao filho que o mesmo pode contar com os pais para tudo, fazer com que os progenitores passem mais tempo com os seus filhos, promovendo eventos em família, de forma a dar a atenção merecida. Com isto, os pais conheceriam melhor os seus filhos, aprendendo a lidar melhor com eles, elogiando-os quando necessário (de forma a inculcar que quando se faz as coisas bem e se cumpre, se é recompensado) e castigá-los quando estes errarem.

Esta actividade seria realizada uma vez por semana, num dia à escolha consoante o horário dos pais e dos jovens, com uma duração de cerca de duas horas, sendo que a primeira hora é a de dinâmica familiar e a segunda será para a dinâmica a nível de competências parentais.

Anexo 3: Actividade II

Actividade II: Dinâmica grupal e desenvolvimento de competências de trabalho de equipa através de desporto e de outras actividades didáticas

A relação de pares como foi descrito na bibliografia desempenha também um papel importante no desenvolvimento de competências normativas nos jovens, no entanto, estas relações por muito que sejam verdadeiras, a nível de amizade, por vezes são utilizadas para a realização de actividades anti-sociais e que transgridem as normas, por isso, o principal objectivo desta actividade é trabalhar o trabalho de grupo e em equipa, bem como a convivência, demonstrando aos jovens que ter amigos e trabalhar em equipa é algo importante, mas que esse relacionamento não deve ser utilizado para fins incorrectos.

Esta actividade caracteriza-se pelo envolvimento dos jovens em actividades desportivas e actividades radicais, bem como outro tipo actividades e jogos didáticos que promovam o trabalho de equipa. Esta será realizada quinzenalmente com a duração de cerca de duas horas. Para a realização desta actividade, para além dos técnicos envolventes no projecto, contaríamos com a ajuda de um professor de educação física bem como o responsável das lojas envolventes (consoante o tipo de actividade realizadas).

Anexo 4: Actividade III

Actividade III: Criação de atelier acerca de temáticas juvenis

Esta actividade tem como objectivo ensinar os jovens acerca de várias questões, entre elas:

- **Consequências do comportamento criminal:** Os estudantes irão aprender sobre as consequências do comportamento criminal nas vítimas, na comunidade e na escola, bem como das consequências a nível judicial;
- **Resolução de conflitos:** Nestas sessões os jovens aprendem a resolver conflitos procurando as soluções alternativas, e dentro destas, compreender que as soluções acertivas serão mais correcta e eficazes ao invés das soluções agressivas;
- **Encontrar as necessidades básicas:** Ensinar a satisfazer as suas necessidades sociais básicas sem se juntarem a um gangue (envolvimento em actividades pró-sociais em vez de actividades desviantes);
- **Efeitos e consequências das drogas:** Explicar acerca dos efeitos negativos das drogas;
- **Responsabilidade:** Os jovens são ensinados acerca das responsabilidades que a comunidade escolar têm;
- **Estabelecimento de objectivos a longo e curto prazo:** Ensinar os jovens a ter objectivos de longo e curto prazo, aprendendo a estabelecer metas e ferramentas para atingi-las, através de caminhos convencionais.

Esta actividade realizar-se-ia uma vez por semana e teria a duração de duas horas, sendo que seria orientada pelo técnico da CPCJ e pelo técnico da polícia. A actividade consiste numa série de sessões, que serão de discussão de ideias entre os jovens e os técnicos, de forma a abrir o diálogo e a ser uma actividade diferente de uma aula normal. Para além das sessões de diálogo, iriam haver sessões de filmes, filmes esses que abordariam questões como o consumo de droga, o *bullying*, a conduta de grupos de pares desviantes, entre outros, sendo que após a visualização do filme se partiria para a discussão do mesmo.

Anexo 5: Pedido de autorização à Direcção Geral de Educação

Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349

4249-004, Porto, Portugal

Telefone:+351 22 507 13 00

E-mail: geral@ufp.edu.pt

Exmo. Diretor-geral:

Direcção Geral da Educação

Edifício 1

Avenida 24 de Julho, nº140

1399-025, Lisboa, Portugal

Telefone: 21 393 45 00 Fax.: 213 934 965

E-mail: dge@dge.mec.pt

DATA, Porto, Portugal

Exmo. Diretor-Geral:

Nuno José Ribeiro Ferreira, finalista na licenciatura de Criminologia na Universidade Fernando Pessoa, juntamente com o seu orientador, Professora Doutora Marta Matos, vêm solicitar a colaboração da Direcção-Geral Educação (DGE) num estudo de investigação científica, a ser desenvolvido no âmbito do título de Licenciado em Criminologia. A dita colaboração prende-se com a autorização da implantação de um projecto de prevenção num agrupamento de escolas. Em anexo, encontra-se a descrição pormenorizada da metodologia e dos procedimentos utilizados nesta investigação científica, bem como as actividades, os técnicos envolventes e as respectivas autorizações. O plano de prevenção é sobre delinquência juvenil, designadamente na prevenção da criação de gangues juvenis, bem como na

demonstração aos jovens que a relação com o seu grupo de pares pode ser utilizada para fins convencionais em vez de fins desviantes. Este estudo é revelante e está relacionado com os serviços da Direcção Geral na medida em que ampliará o conhecimento científico da delinquência e dos gangues juvenis em Portugal, auxiliando, assim, uma maior compreensão deste fenómeno, de modo a que a prevenção sobre este assunto venha a ser mais adequada. A recolha de dados, a decorrer durante Janeiro de 2015 até Maio de 2015, será realizada pelo autor do projecto, bem como pelos técnicos colaboradores (tanto o técnico da CPCJ como o técnico da polícia) . Os dados recolhidos serão apenas divulgados no relatório final do estudo, sendo o anonimato dos seus protagonistas salvaguardado, incluindo a identidade da própria instituição.

O estudo irá necessitar que participem neste no mínimo 20 jovens que apresentem comportamentos de conduta de pares desviante e delinquência juvenil. Dado que o projecto será realizado juntamente com um técnico da CPCJ, teremos assim autorização para acedermos aos dossiers individuais de Reinserção Social dos jovens em risco para realizar uma análise documental onde seriam recolhidos dados sobre estes com relevo para o estudo. Também seria pedido a colaboração da(s) instituição(ões) no contacto dos pais, tutores ou encarregados de educação dos jovens com idade inferior aos 18 anos através do envio de uma carta para autorizarem a participação e colaboração do seu educando nesta investigação juntamente como o formulário do consentimento informado, que se encontra no anexo. De forma a poder ser realizada a recolha de dados nas várias sessões, descritas nos anexos, com os jovens institucionalizados a instituição(ões) teria(m) que ceder uma sala.

Neste sentido, solicito a Vossa Excelência que a Direcção-Geral de Educação , forneça a autorização da realização da referida recolha de informação num Agrupamento de Escolas, cuja localização, seja preferencialmente o Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas no Porto, a partir de Janeiro de 2015 até Maio de 2015. Iríamos apreciar a colaboração de Vossa Excelência. Esta seria imprescindível para a concretização da referida investigação científica. E, na certeza de poder contar com sua colaboração, colocamo-nos à sua disposição para maiores esclarecimentos pelo telefone x ou por email x.

Agradecendo desde já a atenção dispensada por V^a Ex^a, apresento os meus
melhores cumprimentos.

Prof. Dr^a. Marta Matos

(Orientadora do Projecto)
Projecto)

Nuno Ferreira

(Responsavel do

Anexo 6: Pedido de autorização ao Director(a) do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Exm^o(^a) Dr.^(a) do Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas,

Eu, Nuno José Ribeiro Ferreira, portador do Cartão de Cidadão nº14183649, finalista da licenciatura em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, juntamente com o meu orientador, Professora Doutora Marta Matos, venho por este meio solicitar a sua colaboração num plano de prevenção a nível científico, que está ser desenvolvido no âmbito da obtenção de licenciado em Criminologia e que será aplicado no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas. A dita colaboração prende-se com a autorização da aplicação do plano no Agrupamento, cujo principal objectivo é prevenir que os jovens entrem em gangues juvenis bem como demonstrar que a relação com o seu grupo de pares pode ser utilizada para fins convencionais, bem como, na disponibilização de uma sala e da criação de um horário a definir para a realização das actividades. Todos os dados recolhidos são utilizados estreitamente para fins de investigação científica. Naturalmente esses dados são tratados de forma absolutamente anónima. A sua participação será espontânea, não sendo oferecida nenhuma forma de remuneração ou gratificação.

A parte de todas estas informações, pelo presente termo de consentimento informado e esclarecido eu, _____(nome), declaro que fui informado(a) dos objetivos do plano acima descrito de maneira clara e detalhado, e de que a informação transmitida neste estudo será usada somente com fins académicos, de forma confidencial, sendo que a minha identidade nunca será revelada, autorizando assim a aplicação do mesmo. Recebi informações sobre a participação e esclareci as minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro, por fim, que recebi cópia deste Termo de Consentimento.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno José Ribeiro Ferreira

Porto, ___ de _____ de _____

Assinatura: _____

(Dr.^(a) do Agrupamento)

Nuno Ferreira (Responsável do Projecto)

Anexo 7: Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Exm^o(^a) Sr.(^a) Encarregado de Educação,

Eu, Nuno José Ribeiro Ferreira, portador do Cartão de Cidadão nº14183649, finalista da licenciatura em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, juntamente com o meu orientador, Professora Doutora Marta Matos, venho por este meio solicitar a colaboração do seu educando num plano de prevenção a nível científico, que está ser desenvolvido no âmbito da obtenção de licenciado em Criminologia. A dita colaboração prende-se com a autorização da participação do seu educando nesta investigação. Todos os dados recolhidos são utilizados estreitamente para fins de investigação científica. Naturalmente esses dados são tratados de forma absolutamente anónima. A participação do seu educando neste estudo será espontânea, não sendo oferecida nenhuma forma de remuneração ou gratificação.

A qualquer momento, poderá solicitar novas informações sobre a presente investigação, bem como o seu educando poderá desistir da sua participação. A parte de todas estas informações, pelo presente termo de consentimento informado e esclarecido eu, _____(nome), encarregado de educação do(a), _____ (nome), declaro que fui informado(a) dos objetivos do plano acima descrito de maneira clara e detalhado, e de que a informação transmitida neste estudo será usada somente com fins académicos, confidencialmente e sobre anonimato. Recebi informações sobre a participação e esclareci as minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro, por fim, que recebi cópia deste Termo de Consentimento.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno José Ribeiro Ferreira

Porto, ___ de _____ de _____

Assinatura: _____

(Encarregado de Educação)

Nuno Ferreira (Responsável do Projecto)

Anexo 8: Pedido de autorização de Entrevista aos Técnicos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Exm^o(^a) Sr.(^a),

Eu, Nuno José Ribeiro Ferreira, portador do Cartão de Cidadão nº14183649, finalista da licenciatura em Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, juntamente com o meu orientador, Professora Doutora Marta Matos, venho por este meio solicitar a sua colaboração num plano de prevenção a nível científico, que está ser desenvolvido no âmbito da obtenção de licenciado em Criminologia e que será aplicado no Agrupamento de Escolas Rodrigues de Freitas. A dita colaboração prende-se com a sua ajuda nesta investigação, através do acompanhamento dos jovens envolvidos neste programa, bem como na resposta a uma entrevista anónima acerca dos mesmos. Todos os dados recolhidos são utilizados estreitamente para fins de investigação científica. Naturalmente esses dados são tratados de forma absolutamente anónima. A sua participação será espontânea, não sendo oferecida nenhuma forma de remuneração ou gratificação.

A parte de todas estas informações, pelo presente termo de consentimento informado e esclarecido eu, _____(nome), declaro que fui informado(a) dos objetivos do plano acima descrito de maneira clara e detalhado, e de que a informação transmitida neste estudo será usada somente com fins académicos, de forma confidencial, sendo que a minha identidade nunca será revelada. Recebi informações sobre a participação e esclareci as minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações. Declaro, por fim, que recebi cópia deste Termo de Consentimento.

Com os melhores cumprimentos,

Nuno José Ribeiro Ferreira

Porto, ___ de _____ de _____

Assinatura: _____

(Entrevistado)

Nuno Ferreira (Responsável do Projecto)

Anexo 9: Guião da primeira entrevista aos técnicos

1. Na sua opinião, que aspectos são importantes trabalhar nestes jovens em risco, de forma a desenvolver competências a nível social e normativo, bem como de autonomia?
2. Quais são os tipos de comportamentos de risco que estes jovens apresentam, tanto em contexto escolar como fora da escola?
3. Que aspectos devem ser trabalhados nos jovens em questão e porque?
4. Acha que um plano deste género vai ter influência no desenvolvimento de competências normativas nos jovens em risco? Bem como na diminuição dos factores de risco face aos factores de protecção?
5. Que papel desempenham a escola, os técnicos, os tribunais e todas as entidades de intervenção na prevenção deste tipo de comportamentos? (mudar pergunta)
6. Acha que a divisão da amostra em dois grupos vai ser boa para se relatar as diferenças da aplicação do projecto?

Anexo 10: Inquérito realizado so jovens no início do plano

Questionário

Para começar agradeço desde já a tua participação. O questionário é confidencial e qualquer dúvida que tenhas podes perguntar. Lembra-te que não há respostas certas nem respostas erradas, apenas quero saber a tua opinião sobre certos assuntos. Obrigado pela colaboração!

PARTE I

- 1) Sexo _____ Masculino _____ Feminino
- 2) Onde é que nasceste? _____
- 3) Idade _____
- 4) Com quem vives?
 - a) A minha mãe apenas
 - b) O meu pai apenas
 - c) Com ambos os meus pais
 - d) Outro (Específica a tua resposta)

- 5) Desde à quanto tempo?
 - a) Desde que nasci
 - b) Desde infância
 - c) À menos de 1 ano
 - d) Á menos de 5 anos
- 6) Quem é o teu Encarregado de educação?
 - a) Mãe
 - b) Pai
 - c) Avó/Avô
 - d) Irmão/Irmã
 - e) Tio(a)
 - f) Tutor
 - g) Outro (Específica a tua resposta) _____
- 7) Qual é o nível escolar maior que o teu Encarregado de Educação completou
 - a) 4ª ano ou menos

- b) 9º ano ou menos
- c) 12ª ano ou menos
- d) Ensino Superior
- e) Não sei

PARTE II

As próximas questões são sobre a tua família

1) Fala-me agora da relação com os teus pais/tutores/educadores.

Assina-la com X a resposta que achas mais correcta	Não Concordo Nada	Não concordo	Concordo/talvez	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
Posso falar com eles sobre tudo					
Confiam sempre em mim					
Conhecem todos os meus amigos					
Compreendem-me sempre					
Peço-lhes sempre Concelhos					

Elogiam-me sempre quando faço bem					
-----------------------------------	--	--	--	--	--

2) Sempre que saio de casa, aviso os meus pais/tutores

Sim ___ Não ___

3) Os meus pais/tutores sabem onde estou sempre que não estou na escola Sim

___ Não ___

4) Os meus pais/tutores sabem onde estou sempre que não estou em casa Sim

___ Não ___

5) Consigo estar em contacto com os meus pais/tutores sempre que eles não estão em casa

Sim ___ Não ___

PARTE III

Estas questões são acerca da tua escola. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta

1) Há muitos “grupos” dentro da minha escola.

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

2) Existem muitos problemas a nível de porrada na minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

--	--	--	--	--

3) Existem muitos problemas a nível de consumo de droga na minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

4) Existem muitos problemas a nível de tráfico de droga na minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

5) Existem muitos problemas de alunos com professores dentro da minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

6) Existem muitos problemas de alunos com funcionários dentro da minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

7) Existem muitos problemas entre pais e professores na minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

8) Eu sinto-me seguro dentro da minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

9) Sinto-me seguro na zona envolvente à minha escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

Parte IV

Estas questões são acerca dos teus amigos.

- 1) Tens muitos amigos? Sim _____ Não _____
- 2) Quantos amigos chegados tens? _____ (Assinala o número de amigos)
- 3) Quantas horas passas com os teus amigos mais chegados? _____ (Assinala o nº de horas)
- 4) Costumas passar tempo com os teus amigos sem a presença de adultos? Sim _____ Não _____
- 5) Se sim, quantas horas por semana? _____ (Assinala o nº de horas)
- 6) Se soubesses que os teus amigos tinham problemas com a polícia, continuavas a andar com eles? Sim _____ Não _____

Parte V

Estas questões são acerca do que achas sobre as forças policiais. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta.

- 1) Acho que é importante haver polícia a rondar a escola

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

- 2) A polícia é chamada muitas vezes a tua escola para resolver conflitos de violência

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

--	--	--	--	--

3) A polícia é chamada muitas vezes à tua escola por causa de conflitos entre alunos, tanto de fora da escola como de dentro

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

4) A escola fica mais segura com policia a rondar

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

5) A policia tem um papel importante na prevenção de situações como violência e consumo e tráfico de droga?

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

6) A presença da policia fez diminuir a violência, os roubos e o consumo/tráfico de droga junto à escola?

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

7) Os policias que rondam a escola são fixes para os alunos?

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

8) Acho os polícias bons de uma forma geral

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

9) Os polícias abusam do poder que têm para maltratar as pessoas

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

--	--	--	--	--

10) Os polícias de uma forma geral são honestos

Não concordo nada	Não Concordo	Concordo/talvez	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

Parte VI

Estas questões são sobre ti. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta.

1) Já fumaste algum tipo de drogas? Sim ____ Não ____ 2)

Se sim, que tipo de drogas?

3) Já roubaste alguma coisa? Sim ____ Não ____

4) Se Não, passa para a questão nº5, se sim, onde/ a quem?

- a) Supermercado ____
- b) Outro tipo de lojas ____
- c) Professores ____
- d) Colegas de turma ____
- e) Colegas de escola ou de outra escola ____
- f) Desconhecidos da rua ____
- g) Família ____
- h) Outros ____ Quem/onde?

- 5) Já andaste a porrada? Sim ____ Não ____
- 6) Se Não, passa para a questão nº7, se sim, porque razões?
- a) Proteger algum amigo
 - b) Proteger-me a mim próprio
 - c) Porque se meteram comigo
 - d) Porque não gosto dessa pessoa
 - e) Porque me apeteceu
 - f) Por nenhum motivo em especial
- 7) Já cometeste algum tipo de acto de vandalismo? Sim ____ Não ____ 8) Se Sim, de que tipo?
- a) Partir vidros
 - b) Vandalizar caixotes do lixo (estragá-los ou incendiar)
 - c) Atirar pedras a carros, a casas ou a outras coisas
 - d) Destruir plantas de jardins
 - e) Destruir bancos de jardins
 - f) Destruir sinais de estrada ou outro tipo de sinalização
 - g) Outros
- 9) Eu tenho consciência dos actos que tomei e das consequências que estes tem para o futuro. Sim ____ Não ____
- 10) Eu tenho consciência dos actos que tomei e das consequências que estes podem ter para o presente. Sim ____ Não ____
- 11) Por vezes eu sinto-me empulgado por fazer coisas que talvez me metam em sarilhos. Sim ____ Não ____
- 12) Gosto de me testar a mim próprio ao fazer coisas arriscadas. Sim ____ Não ____
- 13) Às vezes faço coisas arriscadas só pela diversão. Sim ____ Não ____
- 14) Por vezes tomo decisões que me dão prazer imediato apesar das consequências dessa decisão. Sim ____ Não ____

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo 11: Guião da segunda entrevista realizada aos técnicos

1. Após a aplicação deste plano, que impacto acha que este teve no desenvolvimento normativo dos jovens?
2. Acha, que de uma forma geral, os fatores de protecção aumentaram face aos fatores de risco?
3. Quais os aspectos mais positivos deste programa, e quais os negativos?
4. Que medidas adicionais podiam ter sido aplicadas aos jovens de forma a desenvolver competências a nível social e normativo?
5. O plano executado tem condições para se expandir para outras escolas e outros contextos a nível nacional?
6. Enquanto técnico/docente que acompanhou os alunos envolvidos, acha que estes foram receptivos face a este plano?
7. Quais as principais diferenças que notou face aos dois grupos envolvidos no projecto?

Anexo 12: Inquérito realizado aos jovens no fim do plano

Questionário

Para começar agradeço desde já a tua participação. O questionário é confidencial e qualquer dúvida que tenhas podes perguntar. Lembra-te que não há respostas certas nem respostas erradas, apenas quero saber a tua opinião sobre certos assuntos. Obrigado pela colaboração!

PARTE I

- 1) Sexo _____ Masculino _____ Feminino
- 2) Onde é que nasceste? _____
- 3) Idade _____
- 4) Com quem vives?
 - a) A minha mãe apenas
 - b) O meu pai apenas
 - c) Com ambos os meus pais
 - d) Outro (Específica a tua resposta)

- 5) Desde à quanto tempo?
 - a) Desde que nasci
 - b) Desde infância
 - c) À menos de 1 ano
 - d) Á menos de 5 anos
- 6) Quem é o teu Encarregado de educação?
 - a) Mãe
 - b) Pai
 - c) Avó/Avô
 - d) Irmão/Irmã
 - e) Tio(a)
 - f) Tutor
 - g) Outro (Específica a tua resposta) _____
- 7) Qual é o nível escolar maior que o teu Encarregado de Educação completou
 - a) 4^a ano ou menos

- b) 9º ano ou menos
- c) 12ª ano ou menos
- d) Ensino Superior
- e) Não sei

PARTE II

As próximas questões são sobre a tua família

1) Fala-me agora da relação com os teus pais/tutores/educadores.

Assina-la com X a resposta que achas mais correcta	Piorou Bastante	Piorou	Continua Igual	Melhorou Parcialmente	Melhorou Totalmente
Posso falar com eles sobre tudo					
Confiam sempre em mim					
Conhecem todos os meus amigos					
Compreendem-me sempre					
Peço-lhes sempre Concelhos					

Elogiam-me sempre quando faço bem					
-----------------------------------	--	--	--	--	--

2) Sempre que saio de casa, aviso os meus pais/tutores

Sim ___ Não ___

3) Os meus pais/tutores sabem onde estou sempre que não estou na escola Sim

___ Não ___

4) Os meus pais/tutores sabem onde estou sempre que não estou em casa Sim

___ Não ___

5) Consigo estar em contacto com os meus pais/tutores sempre que eles não estão em casa

Sim ___ Não ___

PARTE III

Estas questões são acerca da tua escola. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta

1) O meu comportamento dentro da sala de aula

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

2) Os problemas a nível de violência na minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

--	--	--	--	--

3) Os problemas a nível de consumo de droga na minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

4) Os problemas a nível de tráfico de droga na minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

5) Em relação aos problemas de alunos com professores dentro da minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

6) Em relação aos problemas de alunos com funcionários dentro da minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante
-----------------	--------	----------------	-----------------------	-------------------

--	--	--	--	--

7) Em relação aos problemas entre pais e professores na minha escola

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

Parte IV

Estas questões são acerca dos teus amigos.

- 1) Tens muitos amigos? Sim _____ Não _____
- 2) Quantos amigos chegados tens? _____ (**Assinala o número de amigos**)
- 3) Quantas horas passas com os teus amigos mais chegados? _____ (**Assinala o nº de horas**)
- 4) Costumas passar tempo com os teus amigos sem a presença de adultos? Sim _____ Não _____
- 5) Se sim, quantas horas por semana? _____ (**Assinala o nº de horas**)
- 6) Achas que de uma forma geral, o comportamento dos teus amigos

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou bastante

Parte V

Estas questões são acerca do que achas sobre as forças policiais. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta.

- 1) A minha opinião sobre os polícias

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou imenso

2) A opinião dos meus amigos sobre os polícias

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou imenso

Parte VI

Estas questões são sobre ti. Assinala com X a resposta que achas estar mais correcta.

1) Durante os últimos 6 meses, fumas-te algum tipo de drogas?

Sim ____ Não ____

2) Se sim, que tipo de drogas?

3) Durante os últimos 6 meses, roubas-te alguma coisa?

Sim ____ Não ____

4) Se Não, passa para a questão nº5, se sim, onde/ a quem?

a) Supermercado ____

b) Outro tipo de lojas ____

c) Professores ____

d) Colegas de turma ____

e) Colegas de escola ou de outra escola _____

f) Desconhecidos da rua _____

g) Família ____

h) Outros _____ Quem/onde?

5) Durante os últimos 6 meses, tiveste-te envolvido em alguma luta?

Sim ____ Não ____

6) Se Não, passa para a questão nº7, se sim, porque razões?

a) Proteger algum amigo

b) Proteger-me a mim próprio

c) Porque se meteram comigo

d) Porque não gosto dessa pessoa

e) Porque me apeteceu

f) Por nenhum motivo em especial

7) Durante os últimos 6 meses, cometeste algum tipo de acto de vandalismo?

Sim ____ Não ____

8) Se Sim, de que tipo?

a) Partir vidros

b) Vandalizar caixotes do lixo (estragá-los ou incendiar)

c) Atirar pedras a carros, a casas ou a outras coisas

d) Destruir plantas de jardins

e) Destruir bancos de jardins

f) Destruir sinais de estrada ou outro tipo de sinalização

g) Outros

9) De uma forma geral o teu comportamento

Piorou bastante	Piorou	Continua igual	Melhorou parcialmente	Melhorou imenso

10) Eu tenho consciência que estes últimos meses bem como as actividades que estive envolvido foram boas para o meu futuro. Sim ____ Não ____

11) Por vezes ainda me sinto-me empulgado por fazer coisas que talvez me metam em sarilhos.

Sim ____ Não ____

12) Às vezes ainda gosto de me testar a mim próprio ao fazer coisas arriscadas. Sim ____ Não ____

13) Às vezes ainda faço coisas arriscadas só pela diversão.

Sim ____ Não ____

14) Por vezes ainda tomo decisões que me dão prazer imediato apesar das consequências dessa decisão. Sim ____ Não ____

Obrigado pela colaboração!

Anexo 13: Ficha de Avaliação do Plano

Ficha de Avaliação Do Programa

Nome:

Idade:

Ano:

Turma:

Encarregado de Educação:

Actividade/Competências	Avaliação
Actividade I	
Actividade II	
Actividade III	

Folha de Presenças

Sessão	Actividade I	Actividade II	Actividade III
1			
2			
3			
4			
5			
6			

7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			

24			
25			

Relatório dos técnicos: